



# Guerra e Paz

León Tolstoi

Publica: [www.librear.com](http://www.librear.com)

# Guerra e Paz

Leon Tolstoi

# Livro Primeiro

## Primeira Parte

*Nota.* - Grafamos em itálico o que no texto russo está em francês. Era costume da alta sociedade da época usar habitualmente a língua francesa nas conversações mundanas.

## Capítulo I

- *Pois bem, meu príncipe. Génova e Luca mais não são do que apanágios, domínios, da família Bonaparte. Não, previno-o de que, se me diz que não teremos guerra, se se permitir ainda atenuar todas as infâmias, todas as atrocidades desse - Anticristo (palavra de honra, para mim, é o que ele é), desconheço-o, deixo de considerá-lo meu amigo, meu fiel servidor, como costume dizer. Vamos, vejamos, como está, como está? Bem veio que lhe meto medo. Sente-se e conte-me novidades.*

Foi com estas palavras que em Julho de 1805 a conhecida dama de honor, íntima da imperatriz Maria Fiodorovna. Ana Pavlovna Scherer, acolheu o príncipe Vassili, pessoa importante e de alta estirpe, o primeiro dos convidados a chegar à sua recepção daquela noite. Havia algum tempo já que Ana Pavlovna tossicava, estava com gripe, como ela dizia - gripe era então um novo vocábulo, que poucas pessoas ainda empregavam. Nessa mesma manhã tinha ela mandado entregar, por um lacaios de libré encarnada, a toda a gente, indistintamente, um bilhetinho redigido nestes termos:

*Se não tem nada melhor a fazer. Senhor Conde - ou então: meu príncipe -, e se a perspectiva de passar a noite em casa de uma pobre doente não o assusta muito, sentir-me-ei encantada de o ver em minha casa entre as 7 e as 10 horas.*

Annette Scherer.

- *Meu Deus, que violência!* - retorquiu o príncipe no seu uniforme de gala, o peito coberto de condecorações, na face achatada um ar florescente, sem ligar a mínima importância a semelhante acolhimento.

Expressava-se nesse francês precioso, que falavam e em que até pensavam os nossos avós, e a que adicionavam esse sotaque protector, essas entoações suaves tão naturais a quem envelheceu na sociedade e com prestígio na corte. Aproximou-se de Ana Pavlovna, beijou-lhe a mão, exibindo a calva perfumada e reluzente, e sentou-se, tranquilamente, num divã.

- *Antes de mais nada, diga-me, como tem passado, querida amiga?* Tranquilize este seu amigo - prosseguiu ele no mesmo tom e numa voz em que, sob a cortesia e a afabilidade, transpareciam a indiferença e até mesmo urna certa mofa.

- Como é que uma pessoa há-de passar bem de saúde..., quando, moralmente, não pode deixar de sofrer? Quem é que no nosso tempo há-de estar sereno, desde que seja pessoa de coração? - redarguiu Ana Pavlovna.- Vai ficar toda a noite, não é verdade?

- E a festa na Embaixada de Inglaterra? É hoje quarta-feira. Não posso deixar de aparecer - disse o príncipe.- Minha filha ficou de passar por aqui para me levar.

- Julguei que a festa tinha sido adiada. *Confesso-lhe que todas estas festas e todos estes jogos de artifício* começam a tornar-se *insípidos*.

- Se tivessem sabido que era esse o seu desejo, teriam adiado a festa - tornou o príncipe, o qual, como um relógio certo, tinha por hábito dizer, em determinadas circunstâncias, frases que ele próprio não esperava que fossem acreditadas.

- Não me atormente. Afinal, que decidiram em relação ao telegrama de Novosiltzov? O senhor costuma saber tudo.

- Que lhe hei-de eu dizer? - volveu o príncipe num tom frio e enfasiado.- *Que decidiram? Decidiram que Bonaparte chegou a ponto de não poder recuar e eu acho que está aqui, está a acontecer-nos o mesmo.*

O príncipe Vassili falava sempre com indolência, como um actor que recita um papel há muito decorado. Ana Pavlovna, pelo contrário, apesar dos seus quarenta anos, toda ela era vivacidade e expansão.

Ser entusiasta era a sua função social, e até mesmo quando não era essa a sua disposição natural procurava sê-lo, para que as pessoas suas conhecidas se não sentissem desapontadas. O sorriso constrangido que lhe andava sempre no rosto, conquanto não dissesse muito bem com os seus traços já fatigados, denunciava, como acontece nas crianças mimadas, a existência de um pecadilho, pecadilho de que ela não queria, nem podia, nem

mesmo julgava útil corrigir-se.

No decurso da conversa sobre política. Ana Pavlovna exaltou-se.

- Ah! Não me fale da Áustria! Talvez eu seja uma parva, mas estou convencida de que a Áustria não quis nem quer a guerra. Está a atraí-los. É à Rússia sozinha que compete salvar a Europa. O nosso benfeitor conhece a alta missão a que está destinado e cumpri-la-á. É a única coisa em que tenho confiança. O nosso sublime imperador tem um grande papel a desempenhar no mundo, e é tão virtuoso e tão nobre que Deus não o abandonará e há-de cumprir a sua missão: esmagar a hidra da Revolução, ainda mais terrível desde que encarnou nesse assassino e nesse salteador. É a nós, e só a nós, a quem compete resgatar o sangue do justo... E pergunto-lhe eu agora: com quem poderemos nós contar? A Inglaterra, com o seu espírito comercial, não compreende nem pode compreender toda a grandeza da alma do imperador Alexandre. Recusou-se a evacuar Malta. O que ela quer é ver, procurar na nossa conduta ideias reservadas. Que é que eles disseram a Novosiltzov?... Nada. Não compreenderam, não podem compreender o desinteresse do nosso imperador, que nada quer para ele e tudo faz para bem da humanidade. E que prometeram eles? Nada. E até aquilo que prometeram acabará por não vir a realizar-se. A Prússia já declarou que Bonaparte era invencível e que a Europa inteira nada podia contra ele... E eu por mim, não acredito numa só palavra do que dizem Hardenberg ou Haugwitz. *Essa famosa* neutralidade prussiana não *passa de* uma armadilha. Só em Deus confio e no alto destino do nosso augusto imperador. Ele salvará a Europa!...

De súbito calou-se, sorrindo ela mesma, antes de mais ninguém, da veemência das suas próprias palavras.

- Estou persuadido - disse o príncipe com um sorriso- de que se a tivessem mandado a si, minha querida amiga, em lugar, do nosso muito querido Wintzengerode, a esta hora tínhamos tomado de assalto a adesão do rei da Prússia. Quer dar-me uma xícara de chá?

- Com certeza. *A propósito* - acrescentou ela num tom sereno -, tenho hoje duas pessoas muito interessantes: o *visconde de Mortemart; está aparentado com os Montmorency pelos Rohans*, um dos mais ilustres nomes da França. É um dos nossos bons emigrados, autêntico! E também o *abade Morio*. Conhece este espírito profundo? Foi recebido pelo imperador. Conhece-o?

- Terei um grande prazer! Diga-me uma coisa - acrescentou, negligentemente, e como se

só naquele momento se tivesse lembrado disso, quando, realmente, esse era o objectivo principal da sua visita. - É verdade que a imperatriz-mãe se interessa pela nomeação do barão de Funke para o lugar de primeiro-secretário em Viena? *Esse barão, ao que parece, é uma triste personagem.*

O príncipe Vassili pretendia ver nomeado para esse posto um filho seu, e o barão era a pessoa indicada para tal cargo pelas pessoas que procuravam ganhar a influência da imperatriz Maria Fiodorovna.

- *O Senhor Barão de Funke foi recomendado à imperatriz pela irmã - foi tudo quanto ela disse em resposta, secamente, e com um ar triste.*

Quando Ana Pavlovna pronunciou o nome da imperatriz pintou-se-lhe no rosto, subitamente, a dedicação e o respeito mais profundos e sinceros, ao mesmo tempo que lhe desceu sobre a máscara aquele ar de tristeza que nunca a abandonava sempre que, no decurso de uma conversa, se falava na sua augusta protectora. E acrescentou que Sua Majestade se tinha dignado testemunhar ao barão de Funke muita estima, enquanto o olhar novamente se lhe velava de tristeza.

O príncipe, como que indiferente, mantinha-se calado.

Ana Pavlovna, com a sua finura especial de dama da corte e o seu tacto feminino, ao mesmo tempo- que dirigia um remoque ao príncipe por ter ousado exprimir-se tão livremente a respeito da conduta de uma pessoa recomendada à imperatriz, procurava de certo modo consolá-lo.

- *Mas, a propósito da sua família - disse-lhe ela -, não sei se sabe que a sua filha, desde que frequenta a sociedade, faz as delícias de toda a gente. Dizem que é linda como os deuses.*

O príncipe curvou-se em sinal de estima e gratidão. - Costumo dizer muitas vezes de mim para comigo - continuou Ana Pavlovna, depois de um momento de silêncio, aproximando-se do príncipe com um sorriso gracioso, como se quisesse significar que estavam terminadas as conversas sobre assuntos políticos e mundanos e que as confidências íntimas iam principiar -, muitas vezes digo a mim mesma que a felicidade neste mundo é coisa muito desigualmente repartida. Porque seria que o destino lhe deu a si, meu amigo, dois filhos tão belos, à parte o Anatole, o seu benjamim, que não me agrada por aí além - tinha lançado esta observação num tom que não admitia réplica, franzindo as sobrancelhas... -, tão encantadores? Sim, quando o senhor, na verdade, é a pessoa que menos importância liga aos filhos; não os merece.

E teve um sorriso vitorioso.

- *Que quer? Lavater diria que eu não tenho a bossa da paternidade* - respondeu o príncipe.

- Deixemo-nos de brincadeiras. Quero falar-lhe a sério. Sabe? Estou descontente com o seu, filho mais novo. Aqui entre nós - e um ar de tristeza lhe perpassou pelo rosto -, falaram dele perante Sua Majestade, e lamentam-no, a si...

O príncipe não respondeu, mas ela, lançando-lhe um olhar significativo, aguardava, sem dizer palavra, que ele dissesse qualquer coisa. O príncipe Vassili franziu as sobrancelhas.

- *Que quer que eu faça?* - acabou por dizer.- Bem sabe que fiz tudo o que um pai pode fazer pela educação dos seus filhos, e o que é certo é que ambos não passam de dois imbecis. O Hipólito, pelo menos, é um imbecil sossegado, enquanto o Anatole é um imbecil turbulento. É a única diferença entre os dois - acrescentou com um sorriso mais constrangido e acentuado que de costume, enquanto as rugas que se lhe formavam em tomo da boca denunciavam mais claramente do que nunca a amargura e a irritação que inopinadamente o invadiam.

- Para que é que as pessoas como o senhor hão-de ter filhos? Se não fosse pai, nada teria a censurar-lhe - disse Ana Pavlovna, erguendo os olhos cismadores.

- *Sou o seu fiel escravo, e só a si o posso confiar. Os meus filhos são os impecilhos da minha existência.* São a minha cruz, compreendo-o perfeitamente. Que quer?...

Calou-se, mostrando com um gesto que se submetia ao cruel destino. Ana Pavlovna assumiu uma atitude cismadora.

- Nunca se lembrou, meu caro príncipe, de casar o seu filho pródigo, o Anatole? Dizem que as solteironas têm a mania do *casalhento*. Não creio que eu já esteja em idade de ter fraquezas semelhantes, mas o que é certo é que conheço uma criaturinha que é muito infeliz com o pai, uma nossa parente, uma princesa *Bolkonskaia*.

O príncipe Vassili não respondeu, embora, com o seu golpe de vista e a sua finura de homem de sociedade, desse a entender, num simples movimento de cabeça, que não esqueceria o facto.

- Pois a verdade é que o Anatole me custa por ano à volta de quarenta mil rublos - disse ele, sem que, evidentemente, lhe fosse possível refrear o curso dos pensamentos. Esteve alguns instantes calado. - Que será feito dele, dentro de uns cinco anos, se as coisas continuarem da mesma maneira? *Aqui tem a vantagem de se ser pai.* É rica, essa sua

princesa?

- O pai é riquíssimo e avaro. Vive no campo. Deve ter ouvido falar nele. É um tal príncipe Bolkonski, que se reformou ainda em vida do falecido imperador e a quem chamavam o «rei da Prússia». É um homem bastante inteligente, mas com as suas manias. Não é nada cómodo. *A pobre pequena é infeliz como tudo.* Tem um irmão que casou há pouco com Lisa Meinen, um ajudante-de-campo de Kutuzov. Deve aparecer hoje por aí.

- *Ouçã, querida Annette* - disse o príncipe, pegando, subitamente, na mão da sua interlocutora e puxando-a a si. - *Arranje-me isso e eu serei o seu muito fiel escravo para sempre: o seu «escrafo», como o meu estaroste* costuma escrever nos seus relatórios: com um f. Se é de excelente família e rica, não é preciso mais nada.

E com os seus gestos fáceis, familiares e graciosos que tanto o distinguiam, o príncipe inclinou-se, apertou a mão da dama de honor, beijou-a, e de novo se enterrou na sua macia poltrona, desviando a vista.

-*Espere* - disse Ana Pavlovna, pensativa. - Ainda hoje mesmo falarei à Lisa, a mulher do jovem Bolkonski. E talvez as coisas se arranjem. *Na sua família começarei a aprender para solteirona.*



## Capítulo II

O salão de Ana Pavlovna foi-se enchendo a pouco e pouco. Toda a aristocracia de Petersburgo tinha aparecido, gente de idades e caracteres muito diversos, mas toda do mesmo mundo. Chegou também a filha de Vassili, a bela Helena, que vinha buscar o pai para a festa da Embaixada de Inglaterra. Exibia o seu monograma imperial e trazia um vestido de noite. E também apareceu a jovem e pequenina princesa Bolkonskaia, conhecida por a mulher mais *sedutora de Petersburgo*, que casara no último Inverno e ainda não aparecera na *sociedade* por causa do seu estado de gravidez, mas que costumava frequentar as reuniões íntimas. Por fim também surgiu o príncipe Hipólito, o filho do príncipe Vassili, na companhia de Mortemart, a quem apresentou, e em seguida o abade Morio e muitos outros.

- Ainda a não viram, não a conhecem? Não conhecem minha tia? - dizia Ana Pavlovna para os seus convidados, e com a maior gravidade ia-os conduzindo um por um, à medida que chegavam, - até junto de uma minúscula senhora de idade, enfeitada de grandes fitas, que estava na sala contígua. Depois, pronunciando o nome de cada um deles, passeava, lentamente, os olhos entre os seus convidados e minha tia, e daí a pouco desaparecia.

Todos eram obrigados a cumprir aquele ritual, saudando esta tia desconhecida e inútil, que a ninguém interessava. Ana Pavlovna, muito séria e solene, assistia à cerimónia dos cumprimentos, dando a sua aprovação, sem abrir a boca. Minha tia falava a toda a gente, invariavelmente, nos mesmos termos, do estado da saúde de cada um, do estado da sua própria saúde e do estado da saúde de Sua Majestade, o qual, graças a Deus, passava agora melhor. E todos, sem mostrar, por decoro, que se davam pressa, se iam despedindo da idosa senhora com a sensação de alívio que se tem depois de se cumprir uma enfadonha obrigação e, claro está, para a não tornarem a ver em toda a roda da noite.

A jovem princesa Bolkonskaia tinha trazido consigo o seu bordado num pequenino saco de veludo lavrado a ouro. O seu bonito lábiozinho superior, ligeiramente sombreado por uma breve penugem, era um pouco curto, mas nem por isso parecia menos gracioso entreaberto nem era menos delicioso no momo que fazia ao apoiar-se no lábio inferior. Como em geral acontece com todas as pessoas realmente sedutoras, estas suas pequeninas imperfeições, o lábio curto de mais e a boca entreaberta, tinham nela um atractivo especial, uma beleza própria. Era uma alegria para todos a presença desta futura mãe tão bonita, cheia de saúde e

de vida, suportando perfeitamente os incómodos do seu estado. Os velhos e os jovens entediados e cheios de enfado imaginavam-se como ela só por terem passado alguns momentos na sua intimidade. Todos os que conversavam alguns instantes com a princesinha podiam ver como o seu luminoso sorriso cintilava após cada uma das suas palavras e como os seus dentes sempre à mostra eram de uma brancura esplendorosa, quanto bastava para que todos se sentissem naquele momento de uma particular afabilidade. E era assim a ilusão que ela criava em toda a gente.

A princesinha, no seu andar ondulante, caminhando em passinhos rápidos, deu a volta à sala, o saco de trabalho na mão, e depois de imprimir um jeito gracioso à *toilette* veio sentar-se num divã, junto do samovar de prata, como se tudo que ela fizesse fosse uma espécie de divertimento não só para ela própria, mas também para aqueles que a cercavam.

- *Trouxe comigo o meu trabalho!* - exclamou ela, abrindo o saquinho bordado a ouro e como se se dirigisse, a toda a gente ao mesmo tempo.

- *Cuidado. Annette, não me faça uma partida* - prosseguiu ela, desta vez para a dona da casa. - *Mandou-me dizer que era apenas uma pequena reunião; olhe como eu venho vestida.*

Dizendo o que estendeu os braços para melhor deixar ver o seu elegante vestido cinzento, guarnecido de rendas, com uma larga fita a servir de cinto, um pouco abaixo do seio.

- *Esteja descansada. Lisa, será sempre a mais bela* - replicou Ana Pavlovna.

- *Sabe, o meu marido vai abandonar-me* - prosseguiu ela no mesmo tom, dirigindo-se a um general.- *Vai procurar a morte. Diga-me: para que serve esta maldita guerra?* - disse ao príncipe Vassili, e, sem esperar qualquer resposta, voltou-se para a filha deste, a bela Helena.

- *Que pessoa deliciosa, aquela princesinha!* - murmurou o príncipe Vassili, em voz baixa, para Ana Pavlovna.

Pouco depois da princesinha, entrou na sala um jovem corpulento e maciço, de cabelo rapado, lunetas, calças claras, à moda da época, um alto *jabot* e fraque pardacento. Este moço era filho natural de uma célebre personagem do tempo de Catarina, o conde Besukov, naquela altura moribundo em Moscovo. Ainda não tinha qualquer ocupação, acabava de chegar do estrangeiro, onde fora educado, e era a primeira vez que aparecia na sociedade. Ana Pavlovna acolheu-o com a saudação que costumava usar para com as pessoas de mais baixa classe. No entanto, apesar deste seu acolhimento de inferior qualidade, ao vê-lo entrar deixou transparecer no rosto medo e inquietação, como quando nos vemos perante qualquer coisa de

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

